

362

Revista Portuguesa de História

Homenagem aos Professores

Luís Ferrand de Almeida

António de Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 0304

O Inquérito à indústria das sedas em Trás-os-Montes (1869)

FERNANDO DE SOUSA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Introdução

Na década de 1860, Portugal assistiu a um significativo desenvolvimento da sericicultura, motivado fundamentalmente pela procura de casulo e semente, por parte de comerciantes da França, Itália e mesmo de Espanha, onde o bicho da seda, desde os anos de 1850 se encontrava fortemente afectado por doenças até então desconhecidas.

Na sequência de tal procura, do crescimento da exportação do casulo e do aumento do seu preço - fenómeno que muitos interpretaram como o início da regeneração económica do País -, vamos assistir a um conjunto de iniciativas, por parte do Governo, no sentido de promover e incentivar esta actividade económica, nomeadamente, através de exposições de sericicultura e levantamento de inquéritos a nível nacional, destinados a incentivar a plantação de amoreiras, divulgar as práticas e equipamentos modernos e a promover a indústria da seda.

Inúmeros artigos e relatórios foram então publicados em jornais, revistas e no *Diario de Lisboa*, então, a folha oficial do Governo. Um desses relatórios, que teve por base um inquérito efectuado em 1868, deu origem ao estudo de

Fradesso da Silveira, *A Sericicultura em Portugal*, logo publicado em 1869, tendo nós dado conta, em *A Indústria das sedas em Trás-os-Montes (1835-1870%* das informações relativas ao distrito de Bragança, que fazem parte daquele trabalho. Outro inquérito, contudo, efectuou-se em 1869, a propósito da exposição sericícola do Porto, em Agosto do mesmo ano. Com efeito, a portaria de 6.4.1869, publicada no *Diario de Lisboa* desse ano, determinava que em cada um dos distritos administrativos do continente do reino seria nomeada pelo respectivo governador civil uma comissão, por ele presidida, para promover a concorrência à exposição referida, e fornecer ao júri que havia de efectuar os trabalhos de estudo e avaliação dos produtos, os esclarecimentos que pudesse obter acerca do estado da sericicultura. Em obediência a tal ordem, os governadores civis de Bragança e Vila Real, através dos administradores de concelho, procederam a um inquérito relativo à indústria da seda em Trás-os-Montes, o qual permaneceu inédito até ao momento, e que serve de fonte para estudo que agora apresentamos, investigação efectuada no âmbito de um trabalho mais amplo a que estamos a proceder para a Sociedade Bragança-Pólis, intitulado *A Indústria das sedas em Trás-os-Montes*.

1. Distrito de Vila Real

A indústria sérica no distrito de Vila Real - dizia Cláudio Mesquita da Rosa, governador civil -, encontrava-se ainda num “estado infantil”, carecendo de muitos anos para vencer as tradições rotineiras da população.

De acordo com o inquérito então efectuado, apenas em seis concelhos do Distrito a sericicultura tinha algum relevo, Alijó, Chaves, Mesão Frio, Murça, Peso da Régua e Santa Marta de Penaguião.

No *concelho de Alijó*, a seda produzida era vendida em casulo ou estado fresco aos bufarinheiros, que a transportavam para Moncorvo, ficando os criadores apenas com a semente necessária para eles.

Existiam no concelho 1 000 amoreiras multicaule, sendo o preço médio de cada pé, 200 réis. As amoreiras destinadas ao sustento do bicho da seda, quando alugadas, rendiam, de acordo com a sua grandeza, entre 1 500 a 5 000 réis. Existiam 60 a 80 criadores do bicho da seda e o preço médio do casulo era de 900 réis.

Apenas duas pessoas trabalhavam na fiação da seda, utilizando máquinas antigas e vencendo um jornal de 200 réis.

Não se registavam moléstias, quer nas amoreiras, quer no bicho da seda.

No *concelho de Chaves*, quanto à criação e indústria do bicho da seda, apenas alguns particulares se dedicavam à mesma, não produzindo mais que 4 a 5 alfergas (a alferga correspondia a 8 gramas).

O número de amoreiras plantadas era de 300, ao preço médio de 450 réis cada pé, sendo as amoreiras pretas as preferidas. As folhas de cada amoreira rendiam 1 500 réis.

A indústria sericícola, ordinariamente exercida por mulheres, não passava da criação do bicho da seda e do casulo, sendo este vendido a estrangeiros, que procediam à extracção da semente e o levavam para fora do País.

O concelho produzia anualmente 897 kg. de casulo, ao preço de 600 réis o quilograma, rendendo assim, 538 200 réis.

O casulo era vendido para semente e seco para fiação. Existiam apenas 50 a 60 criadores do bicho da seda.

Um ou outro particular, esporadicamente, fiava a seda, como mera “curiosidade”, utilizando máquinas “antiquíssimas”. Não se registavam moléstias, quer nas amoreiras, quer no bicho da seda.

No *concelho de Mesão Frio*, apenas um ou outro lavrador prestava alguma atenção à criação do bicho da seda. A amoreira, branca ou multicaule, surgia frequentemente ao lado da negra. Existiam no concelho 600 amoreiras, sendo o preço médio de cada pé 100 réis. As amoreiras pequenas, quando alugadas, rendiam 50 réis.

Com 6 a 8 criadores de bicho da seda, a produção anual do casulo rondava os 36,5 kg., ao preço de 750 réis o quilograma, rendendo 27 300 réis.

O casulo era vendido para semente. O preço médio do quilograma de seda fiada era de 7 000 réis.

Não se registavam moléstias nas amoreiras, mas o bicho da seda acusava doenças, ainda que em pequena escala.

No *concelho de Murça*, a criação do bicho da seda, de raça piemontesa, também era reduzida. Existiam 100 amoreiras, sobretudo da índia, sendo o preço médio de cada pé de 100 réis, e cada árvore, quando alugada, rendia 1 000 réis.

Produzia 360 kg. de casulo, ao preço de 680 réis o quilograma, rendendo 245 000 réis.

Havia 30 a 40 criadores do bicho da seda. As amoreiras não se encontravam afectados por moléstias, mas o bicho da seda era muito sujeito a doenças.

No *concelho do Peso da Régua*, a indústria da seda, que sempre tinha sido de pouca importância, encontrava-se em regressão, devido ao facto de as mulheres que se ocupavam da mesma, desanimadas com o pouco rendimento

que auferiam com a criação do bicho da seda, preferirem o trabalho de “enxofração” das vinhas, melhor remunerado.

Existiam 2 400 amoreiras plantadas, brancas, pretas e recentemente, multicaule, sendo de 100 réis o preço médio de cada pé. Estas plantas eram alugadas ao preço de 1 000 réis cada uma.

As amoreiras, branca, preta e multicaule, não eram suficientes para a alimentação do bicho da seda criado.

O concelho produzia 28 kg. de casulo, a 784 réis o kg., rendendo 21 952 réis.

Havia 12 criadores de bicho da seda.

As amoreiras não sofriam de qualquer moléstia, mas o bicho da seda encontrava-se atacado por doenças, ainda que em pequena escala.

No *concelho de Santa Marta* registavam-se alguns viveiros de amoreiras. O número destas era de 5 000, sendo de 100 réis o preço médio de cada pé. A espécie de amoreira preferida era a da Índia. A folha da amoreira era comprada “a olho”, junto da árvore.

Existiam 8 a 10 criadores do bicho da seda. O casulo registava o preço médio de 14 000 réis por kg..

O concelho produzia 10 a 12 kg. de seda fiada, ao preço de 12 000 réis o quilograma. Existia uma máquina de fiação “moderna”. Na fiação trabalhavam duas pessoas em cada roda, vencendo um jornal de 120 réis.

2. Distrito de Bragança

No distrito de Bragança existiam 14 viveiros de amoreiras, 12 no concelho de Freixo, um no de Bragança e um no Mogadouro. Encontrava-se então em criação um outro viveiro em Alfândega da Fé.

A amoreira mais divulgada era a preta, com excepção dos concelhos do Mogadouro e Freixo de Espada á Cinta, onde se dava preferência à cultura da amoreira branca.

A criação do bicho da seda, que se encontrava em expansão, seria muito maior se houvesse folha suficiente para a sua alimentação.

A espécie do bicho da seda geralmente adoptada era a piemontesa, introduzida em Chacim, em 1799, pelos Amauds.

Algumas vezes atacado de moléstias, tal não impedia o seu bom desenvolvimento.

A fiação era feita em máquinas antigas, muito defeituosas, denominadas carrilhos.

Tanto a criação como a fiação eram “imperfeitíssimas”, não havendo um único estabelecimento de sericultura, o que tomava impossível o aperfeiçoamento desta indústria.

A produção de tecidos de seda apenas se fabricava em pequena escala nos concelhos de Bragança e Freixo de Espada à Cinta.

Para fazer prosperar esta indústria, tomava-se necessário, segundo o governador civil, Augusto Ferreira da Costa:

- criar viveiros de amoreiras;
- criar um estabelecimento de sericultura.

A iniciativa de tais melhoramentos - segundo o governador civil -, tinha de partir do Governo, devido à falta de instrução e de meios no distrito e ainda porque o Governo descurara o distrito quanto às vias de comunicação, embaraçando o desenvolvimento agrícola e a indústria mineira.

No *concelho de Alfândega da Fé* existiam 5 000 a 6 000 amoreiras, sendo o preço médio de cada pé, de 13 500 a 18 000 réis. A folha da amoreira era vendida, por sacco, a 500 réis. Cada amoreira era alugada por 2 400 a 3 000 réis, podendo atingir, de acordo com a sua dimensão, 9 000 réis.

Não registavam qualquer moléstia.

Quase 3/4 da população se dedicava à criação do bicho da seda, sobretudo, da espécie piemontesa, debatendo-se então com muitas doenças.

O casulo era vendido ao preço médio por kg., de 1 100 a 1 200 réis.

O concelho produzia 200 kg. de seda fiada, ao preço de 6 000 réis o quilograma, em carrilhos, empregando 3 pessoas cada um, que venciam um jornal de 80 a 160 réis (ou 640 a 700 réis por kg. fiado).

No *concelho de Bragança* existiam 2 000 amoreiras, quase todas pretas, alugando-se cada árvore, de 1 000 a 2 000 réis. Não sofriam de qualquer doença.

Entre 4 000 a 5 000 pessoas dedicavam-se à criação do bicho da seda. Este sofria de doenças, mas em pequena escala.

O casulo era vendido ao preço médio por kg. de 700 réis.

O concelho produzia 1 500 kg. de seda fiada, ao preço de 16 000 réis o kg., em carrilhos, empregando cada uma destas máquinas duas pessoas, que venciam um jornal de 600 réis (ou 1 100 réis por kg. fiado).

Existiam 17 fábricas, isto é, teares e tomos, que produziam tafetás, nobrezas, sarjas e lenços. Cada tear tinha 2 homens e 2 mulheres, e cada tomo, 4 homens e 5 mulheres, vencendo os homens um jornal de 240 réis e as mulheres 140 réis o jornal. Cada tear rendia anualmente 240 000 réis sendo tafetás, e 400 000 réis sendo nobreza ou sarjas.

No *concelho de Carrazeda de Anciães* registavam-se cerca de 1 000 amoreiras pretas, sendo o preço médio de cada uma, de 7 200 réis. Os próprios donos das amoreiras, em número de 1 500, eram os criadores do bicho da seda.

No *concelho de Freixo de Espada à Cinta*, detectava-se uma grande expansão dos viveiros de amoreiras, em número de 12, pertencentes à junta geral do distrito, à câmara municipal e a particulares.

Existiam, então, em viveiros, 6 000 pés de amoreiras, sendo tais plantas vendidas por aquelas duas entidades, enxertadas e com dois metros de altura, a 60 réis cada uma. A espécie de amoreira preferida era a branca. O bicho da seda, de origem piemontesa, encontrava-se atacado de inúmeras moléstias, e o casulo era exportado, na sua maior parte, para França e Itália.

O concelho produzia 100 kg. de seda fiada. As máquinas utilizadas eram as do “antigo sistema”, os carrilhos.

Existiam 24 fiadeiras que venciam, por jornal, 200 réis, e por quilograma, 400 réis. O concelho tinha 30 teares antigos e imperfeitíssimos, onde se produziam panos de peneiras vendidos no Reino e exportados para Espanha e Brasil. Cada tear rendia anualmente 130 000 réis.

No *concelho de Macedo de Cavaleiros* existiam 20 000 amoreiras negras, sendo o preço médio de cada uma, 4 000 a 5 000 réis. A folha de cada amoreira rendia 1 500 a 2 250 réis.

A criação do bicho da seda encontrava-se generalizada, não havendo a registar moléstia.

O casulo era vendido ao preço médio de 600 a 800 réis por quilograma, e a seda ao preço de 6 000 a 6 500 réis por quilograma.

A fiação, em máquinas antigas, destinava-se ao uso doméstico. Cada carrilho ocupava duas pessoas, que ganhavam 300 réis por jornal.

No *concelho de Miranda do Douro* existiam 1 200 amoreiras negras, rendendo a folha, por saco, 500 réis. As amoreiras alugadas para a criação do bicho da seda rendiam entre 1 500 e 2 000 réis.

Existia um bom número de criadores do bicho da seda, de origem piemontesa, dispersos pelo concelho, não havendo a registar moléstias.

O quilograma de seda fiada era de 9 000 réis, sendo a sua produção de 30 kg. ao ano.

A fiação processava-se pelo “sistema antigo de rodas”, trabalhando em cada roda 2 fiadeiras que percebiam de jornal 240 réis (ou 1 000 réis por quilograma).

No *concelho de Mirandela* contavam-se 3 100 amoreiras, rendendo a folha de cada árvore, para a criação do bicho da seda, 2 800 réis.

A criação do bicho da seda, de origem piemontesa, era reduzida. O casulo era vendido a 1 000 réis por kg. e a seda fiada a 12 000 réis o kg., não produzindo o concelho mais de 30 kg. desta última.

Trabalhavam 2 pessoas por cada máquina de fiação, ao jornal de 180 réis, ou a 640 réis por kg. fiado.

No *concelho do Mogadouro*, com perto de 1 000 amoreiras brancas, estas, quando alugadas para sustento do bicho da seda, rendiam 1 000 réis por árvore.

O bicho da seda denunciava já algumas doenças. O casulo vendia-se a 1 000 réis o kg. e a seda fiada a 10 000 réis o kg..

A quantidade anual de seda fiada era de 583 kg. O sistema de fiação era antigo, com duas pessoas por carrilho, recebendo 200 réis de jornal (800 réis ao kg.).

No *concelho de Moncorvo*, a folha da amoreira rendia, por árvore, 2 400 réis.

O bicho da seda, de origem piemontesa, não registava doenças em particular, e o casulo vendido para semente atingia os 870 réis por kg. Quase todo era exportado para o estrangeiro.

No *concelho de Vila Flor* existiam 3 000 a 4 000 amoreiras multicaule, sendo o preço médio de cada pé, de 1 000 a 2 500 réis. A folha de cada amoreira, por árvore, rendia 1 000 réis.

Existiam cerca de 400 criadores de bicho da seda, este, de origem piemontesa, e o casulo era vendido a 500 réis o quilograma.

No *concelho de Vimioso* existiam perto de 1 800 amoreiras negras, sendo o preço médio de cada uma, de 4 500 réis. A folha de cada árvore, para a criação do bicho da seda, rendia 600 a 800 réis.

Contavam-se 240 criadores do bicho da seda, encontrando-se este bastante afectado por moléstias. O casulo para semente era vendido a 800 réis por kg. e a seda fiada, da ordem dos 350 kg. anuais, era vendida a 11 000 réis o quilograma.

Nas máquinas de fiação, antigas, trabalhavam 10 pessoas, recebendo cada uma, por jornal, 200 réis.

No *concelho de Vinhais*, a folha de cada amoreira rendia 1 500 réis.

Existiam 1 100 pequenos criadores do bicho da seda, o qual não registava doenças.

O casulo, quase todo exportado, quando vendido para semente, atingia os 600 réis por kg e a produção da seda fiada, era de 550 kg., ao preço de 10 000 réis por quilograma.

Nas máquinas de fiação, os carrilhos, trabalhavam 12 pessoas, vencendo 120 réis de jornal, ou 600 réis por kg. de seda fiada.

Conclusão

A primeira conclusão a retirar-se deste inquérito da indústria da seda em Trás-os-Montes, é a de que a sericicultura em geral e a indústria da seda em particular não existiam, praticamente no distrito de Vila Real, sendo a “indústria deste género ... como um reflexo da de Bragança” - asseverava o governador civil de Vila Real, Pinto de Lemos, em 1853. É certo que nos faltam alguns concelhos do distrito de Vila Real, como Valpaços, que tinha alguma tradição quanto à criação do bicho da seda. Mas outras fontes corroboram a indiferença das suas populações pela sericicultura, mesmo nos anos febris de 1860.

A segunda conclusão a extrair do inquérito é, de facto, a extraordinária importância desta actividade económica no distrito de Bragança. O número de viveiros de amoreiras, os largos milhares de mulheres e crianças dedicadas à criação de sirgo - nalguns concelhos como Alfândega de Fé, Bragança e Macedo de Cavaleiros, a maior parte da sua população - os rendimentos produzidos pela criação do sirgo - duas mulheres, em menos de dois meses, podiam receber 20 000 réis -, a considerável produção de seda fiada, sobretudo, no concelho de Bragança, ainda que servindo-se de máquinas arcaicas, são elementos que permitem ver, num distrito eminentemente agrícola, desprovido de indústrias, até que ponto a sericicultura constituía um factor de rendimento insubstituível do orçamento das famílias.

A terceira conclusão é a de que não existe qualquer estabelecimento fabril, de fiação ou tecelagem da seda. Da fábrica de sedas de Chacim, um “anacronismo”, só restava a memória e nem o Estado, nem os organismos públicos, nem os particulares souberam ou quiseram levantar uma empresa que se tomasse no instrumento fundamental de renovação e modernização das práticas absurdas da criação do sirgo e da fiação/tecelagem, que continuava a ser efectuada em carrilhos e teares de Antigo Regime, os quais, já no século XVIII estavam ultrapassados !...

A última conclusão a retirar deste inquérito é a de que, apesar da tentativa de secundarização das doenças que afectavam o bicho da seda, estas encontravam-se já largamente disseminadas por Trás-os-Montes, sobretudo, nos concelhos da Terra Quente do distrito de Bragança, muito particularmente, em Alfândega da Fé e Freixo de Espada à Cinta.

As “terríveis epizootias” importadas, muito provavelmente, do estrangeiro, já claramente visíveis em 1863, (Meneses Pimentel), generalizadas em 1869-1870 a todo o distrito de Bragança, vão afundar a sericicultura, destmir esta fonte de receita indispensável ao equilíbrio da frágil economia doméstica da região e abrir caminho a uma emigração que não parou de aumentar nas décadas seguintes.